

Santos (Livraria Civilização), na rua São Bento, a de Laemmert & Cia., na rua do Comércio e a de Mellilo & Cia., na rua São Bento. Outra publicação da mesma época, no entanto, registrava a existência, em 1895-1896, de oito estabelecimentos que negociavam com livros novos e três que vendiam livros usados. Entre os primeiros, um já de livros ingleses, o *Victória Store*, na rua São Bento. Com o desenvolvimento das colônias estrangeiras na cidade — sobretudo a italiana — surgiram livrarias especializadas. No começo do século vinte, Sousa Pinto se referiu a uma livraria em que se exibiam os últimos volumes de D'Annunzio, de Ferrero e de Rovetta<sup>(150)</sup>. No fim do século, aumentam as bibliotecas: a da Sociedade Portuguesa de Beneficência, reorganizada em 1883; a da Sociedade Germânica, a que Koseritz se referiu com atenção; a do Mackenzie College, em 1886; a da Escola Politécnica, em 1894; a do Estado, em 1895, com 60 000 volumes, muitos comprados na Europa.

As idéias republicanas conquistavam a imprensa. Luís Gama, que se iniciara como revisor em *O Ipiranga*, em 1849, dirigia o *Diabo Coxo*, com Agostini, e redigira o *Radical Paulistano*, com Rui Barbosa, Martim Cabral e os irmãos Pamplona, o *Coaraci*, com Américo de Campos e Diogo de Mendonça Pinto, além de *O Polichinelo*, em 1876, representava a esquerda do movimento, franca e exaltadamente abolicionista. Não viveria o suficiente para assistir ao triunfo dessa reforma. Pela libertação dos escravos, em S. Paulo, manifestavam-se o *Diário de São Paulo* e a *Opinião Conservadora*, orientada por João Mendes de Almeida; a *Imprensa Acadêmica*, redigida por Peçanha Póvoa, Saião Lobato e outros; e jornais do interior, como *A Esperança*, de Itu, e a *Gazeta de Campinas*. Em 1884, a *Província de São Paulo* assumia posição francamente republicana. Nesse ano, José Maria Lisboa abandonava a gerência do jornal para fundar, com Américo de Campos, o *Diário Popular*. Sob a direção de Antônio Prado, o *Correio Paulistano* aceitava o abolicionismo, nessa época. Júlio de Mesquita, em 1885, entrava para a redação da *Província de São Paulo*, de que assumiria, em 1891, a direção política, com a eleição de Rangel Pestana para o Senado, e já o jornal com o título alterado, desde 1º de janeiro de 1890, para o *Estado de São Paulo*, agora impresso em máquina *Marinoni*. Outras alterações haviam ocorrido ali: passara, em 1884, à propriedade de Alberto Sales & Cia., em situação financeira grave, e Sales retirara-se, no ano seguinte. Em 1885, tirava 4000 exemplares; em 1888, ascendia para 7500. Com a saída de Alberto Sales, Júlio de Mesquita ficava ao lado de Rangel Pestana,

(150) Ernani da Silva Bruno: op. cit., pág. 1276, II.